

Prolegômenos para um possível Tecnoxamanismo

Fabiane M. Borges

Muita gente tem ideia do que tecnoxamanismo significa. Essas ideias são genéricas e apontam para alguma coisa entre ciência e religião, ou tecnologia e êxtase. Eu prefiro apresentar isso como uma questão em processo de construção. Um desafio ao qual todos estamos lançados hoje em dia, e para o qual precisamos encontrar respostas possíveis.

Esse texto abarca um pequeno número de conceitos ecológicos, antropológicos e filosóficos, que vou tentar elencar de forma clara, apesar disso tudo estar imerso em um nevoeiro. Trago como referência pensadores como Viveiros de Castro, Bruno Latour, Fabián Ludueña, Davi Kopenawa, entre outros. É importante salientar que o conceito é aberto, que tem muita gente pensando isso em vários outros sentidos, e que esse texto é somente um esforço de trazer alguns subsídios para colaborar nesse grande entrave entre duas forças aparentemente antagônicas: a tecnologia e os conhecimentos tradicionais.

Separei o texto em seis partes: Tragédia Guarani Kaiowá, Aldeia Maracanã, Terráqueos Contra Humanos, Xawara e a queda do Céu, Perspectivismo e Inversão Ontológica, Do Xamanismo Transversal, Sujo ou dos Ruídos, e Tecnoxamanismo.

Tragédia Guarani Kaiowá

Começo pela apresentação de uma tragédia atual. Falo aqui de uma comunidade de 12 mil índios Guarani Kaiowá da aldeia Bororo, situada no Mato Grosso do Sul, na cidade de Dourados. As terras dadas aos Guarani Kaiowá pelo governo brasileiro durante as décadas anteriores, virou terra de disputa durante a ditadura militar, essas áreas indígenas começaram a ser negociadas

entre Estado e empresários do campo, invadidas pelo agronegócio, destruídas pela monocultura, cercadas de arame farpado, e os Guarani Kaiowá começaram a perder Terra significativamente, ou a serem realocados.

Entre os Kaiowá é contabilizado enorme índice de mortalidade que ocorre nas lutas entre índios e brancos, com a desnutrição, o alcoolismo, a drogadição em excesso, mas o que assusta indígenas e indigenistas ainda é o número alarmante de suicídios. Não sei se a palavra epidemia é a melhor para qualificar práticas de suicídios em grande número (no final da década dos 2000, a base era de cerca de 50 a 60 suicídios por ano). A maioria dos praticantes do *jejuvy* (morte por enforcamento ou sufocamento) são adolescentes – eles representam uma porcentagem grande dentro da comunidade.

Vou continuar chamando essas mortes de epidemia de suicídios, numa tentativa de deixar bem claro que a mesma Xawara que afeta as terras Yanomami é a que mata os Guarani Kaiowá, já que Xawara quer dizer epidemia, doença produzida pela fumaça do ouro, o metal do desenvolvimento.

Quero evidenciar o Jejuvy como um suicídio ritual, baseado em comportamentos culturais dos Guarani Kaiowá. Para os Guarani, a alma reside na palavra, se ela não pode se expressar, se não existe lugar para ela ser pronunciada, deve ser sufocada. Por isso os suicídios são por sufocamento ou enforcamento, para que a palavra não se perca, e possa voltar em algum outro momento. Eles acreditam numa espécie de reencarnacionismo, ou ainda, numa energia concentrada que não se fragmenta. Na crença Guarani, a morte por corte ou furo significa a perda total da palavra, pois ela se esvai, sua forma perde a consistência. Quando cometem o Jejuvy é porque ainda existe uma crença cultural de que um dia será possível se expressar, sendo que no corte ou furo esse suicídio significaria um total niilismo e abandono da cultura. Por ser ritual, isso não quer dizer que a aldeia não sofra. Essas práticas a enchem de luto e alimentam o pessimismo Guarani¹.

Quando estávamos lá, em 2008, o diretor chileno criado na Itália, Marco Bechis, estava dirigindo o filme *Terra Vermelha*². No filme, ele colocou pessoas da própria aldeia como atores, inclusive as lideranças políticas. Recomendo a todos que vejam, porque é um filme interessante, roteiro,

1 Sobre esse assunto ver o texto Guarani: do jejuvy à palavra recuperada, de Verenilde Pereira e Fabiane Borges, disponível em: <<https://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=2473>>.

2 *Terra Vermelha*. Direção: Marco Bechis. Itália/Brasil, 2008.

imagens, é uma ficção documental, um dos grandes filmes sobre índios no Brasil. *Terra Vermelha* explora a questão da luta pela Terra e os suicídios – a complexidade da vida Guarani que atualmente habita entre a cultura indígena e a cidade dos brancos –, acompanha a iniciação de um jovem no xamanismo, trabalha bem as crenças que permeiam os suicídios, entre outras coisas. O filme tem malícia, e apresenta diversas estratégias Guarani de sobrevivência, relação com o mercado, sexualidade entre índios e não índios; é um filme importante dentro da filmografia que aborda o assunto indígena.

Um dos principais protagonistas do filme, Ambrósio Kaiowá, morreu assassinado em dezembro de 2013. Seria por que o filme, aos poucos, foi ganhando popularidade? Porque Ambrósio se tornou conhecido como ator e por isso conquistou maior poder de convencimento e barganha na luta pela terra? Mais empoderado? Não se sabe se foi essa a razão definitiva de sua morte. As razões não são muito claras, mas sua morte representou uma perda enorme para os Guarani Kaiowá e seus apoiadores.

Antes do assassinato de Ambrósio, na segunda metade de 2013, um grupo Guarani Kaiowá enviou uma carta pública dizendo que, se suas Terras não fossem devolvidas, eles morreriam nelas de qualquer jeito. Ameaçaram uma espécie de suicídio coletivo, ou até morte lenta nas terras dos seus parentes (isso não está claro na carta³), caso o governo não se pronunciasse e efetivasse a devolução de suas Terras ancestrais, agora ocupadas pelos empresários do campo. A resposta das redes sociais a essa ameaça foi gigantesca. Milhares de brasileiros trocaram seus nomes nas redes sociais pelo sobrenome Guarani Kaiowá, e aconteceram muitas manifestações em todo país, por parte de indígenas e não indígenas, a favor da luta Guarani.

Os Guarani perdem palavra e mundo, a primeira por sufocamento, o segundo por devastação. Viveiros de Castro costuma dizer que os Guarani são especialistas do fim do mundo, pois vêm perdendo o mundo desde o século XVI, e a cada vez perdem mais mundo⁴. Trata-se de perder um estilo de mundo com biodiversidade, floresta, rios limpos, em prol de outro, moderno, asfaltado, cheio de fábricas, automóveis, poluído, explorado.

Apesar de inúmeros índios concordarem com os modos de produção

3 Carta dos Guarani Kaiowá disponível em: <https://secure.avaaz.org/po/petition/Salvemos_os_indios_GuaraniKaiowa_URGENTE/?pv=96>.

4 Viveiros de Castro, E. *Filosofia, Antropologia e o Fim do Mundo*. Disponível em: <<https://vimeo.com/78892524>>.

branca, e colaborarem na destruição das suas terras, dos seus costumes, seja por causa dos apelos do mercado, seja por causa das novas religiões que os assediam constantemente, e que demonizam suas crenças e costumes, existe ainda uma grande resistência por parte de vários grupos, que querem continuar vivendo como índios. Isso se torna até uma estratégia de sobrevivência, já que grande parte dos desaldeados convive com um insistente preconceito. Da perspectiva branca mediana, os índios e seus descendentes são vistos como meio animais, involuídos, preguiçosos e vagabundos⁵. Essa é uma das razões de porque os índios mais velhos costumam incentivar os jovens a andarem com seus trajes tradicionais, pintados e em grupo, pois assim se tornam mais fortes, como uma força da natureza, e têm mais apelo na busca de terra e reparos históricos, ao invés de aderirem ao projeto branco incondicionalmente, e virarem marginais nas cidades.

Aldeia Maracanã

Conjuntamente a esta grande comoção nacional em apoio à tragédia Guarani, que fez todos trocarem seus nomes, ainda em 2013 a Aldeia Maracanã, no Rio de Janeiro, começou a sofrer ordens de despejo, por ser alvo do interesse do governo e dos empresários. Como se sabe, para a copa do mundo acontecer, é preciso obedecer aos padrões da Federação Internacional de Futebol (Fifa), e isso se junta a uma onda de gentrificação dos grandes centros urbanos no mundo todo - cidades voltadas para os interesses do mercado e não das pessoas. Estabeleceu-se, então, um grande conflito entre Estado e ativistas pela posse da Aldeia Maracanã.

A Aldeia tem 150 anos de história, foi doada primeiramente pelo Duque de Saxe para ser um local de estudos das sociedades indígenas e sementes. Logo se transformou na primeira sede do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), e, em 1953, se tornou o primeiro museu do índio. Vinte anos mais tarde, em 1978, o museu foi transferido para Botafogo, no Rio de Janeiro, e lentamente o antigo museu desativado começou a ser ocupado por índios de várias etnias do Brasil e da América Latina, tornando-se a Aldeia Maracanã. Em 2013, foram contabilizadas 17 diferentes etnias vivendo na Aldeia.

5 Para uma problematização desta perspectiva cf. Viveiros de Castro, E. *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

Ao invés de o Estado apostar na diferença cultural, na diferença do Brasil em relação aos outros países, e investir dinheiro e produzir valor sobre o fato de possuir “ainda” povos indígenas em seu território, alimentando com isso um outro turismo, uma visão mais ecológica e mais democrática, ele prefere apostar nos padrões da Fifa, oferecendo aos índios dinheiro para saírem da Aldeia, ou um sítio longínquo, fora da cidade, que não tem história pregressa nem outra relação qualquer com esses índios, e nem permite sua sobrevivência.

Para muitos dos índios e apoiadores da Aldeia Maracanã, ter um espaço multiétnico indígena, num grande centro como o Rio de Janeiro, fortalece as bases culturais do próprio povo brasileiro, assim como aproxima a sociedade civil, os jovens, os estudantes, da história do Brasil a partir de um outro prisma, para além daquele da colonização. Muitos jovens frequentadores da Aldeia mudaram radicalmente seus modos de pensar o mundo e atuar na vida a partir dos rituais, das danças, das músicas que lá conheceram; experimentaram processos de trabalhos coletivos, colaboração interétnica, um outro significado de tempo e conexão com a magia⁶.

Evidentemente, quando se juntam tantas etnias, as questões se complexificam, há desacordos e disputas, mas isso faz parte do processo, e é possível a construção de consensos e decisões políticas. O que é ininteligível é não permitir que isso aconteça, é impedir que os índios produzam um espaço de singularidade dentro da cidade, que tragam seus conhecimentos para ela e que aproximem a sociedade civil das percepções indígenas. A mesma coisa vale também para as comunidades quilombolas expulsas dos grandes centros, e outros grupos como os ciganos, movimento dos sem teto etc. Tudo isso são formas de vida que vão sendo eliminadas pelo poder do mercado financeiro. A luta que se trava é exatamente a luta da diferença *versus* a utilidade. O que sempre ganha parece ser a homogeneização promovida pelo mercado.

Eu trago esses dois exemplos, dos Guarani Kaiowá e da Aldeia Maracanã, para evidenciar duas tragédias. De um lado, supostamente, os índios que querem continuar no campo, dentro da sua etnia fechada, preservando costumes e ritos, investindo na manutenção da terra e da natureza, lutando pela terra dos seus antepassados (como uma parte considerável

6 Um vídeo interessante que trabalha bem a ideia da luta pela Aldeia Maracanã e o envolvimento dos jovens urbanos com a questão indígena é *História da Aldeia Maracanã, de Cabral a Cabral*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oW5BVt2N6uo>>.

dos Guarani Kaiowá e dos Yanomami), de outro, os que querem se misturar com o urbano, mas para criar um local de valorização e aprofundamento das culturas indígenas no Brasil, abrir um espaço de referência entre campo e cidade, construindo formas de sustentabilidade a partir dos ensinamentos tradicionais, produção de artesanato, conhecimento das sementes, alimentação, vestuários, entre outros⁷.

Terráqueos contra Humanos

Bruno Latour fala dessa guerra de valores entre os terráqueos e humanos, dos comprometidos com a Terra e dos comprometidos com a modernidade⁸. É uma guerra de valores sobre em que mundo se quer viver. Uma minoria ecológica considerada fanática e catastrofista, de um lado, e, do outro, os adoradores de Xawara, os amantes do metal, os que garantem nossa atual idade geológica, que é o antropoceno, o fim da biodiversidade, das florestas, dos rios, que promovem a tatuagem humana por toda a superfície da Terra.

Tanto na história dos Guarani Kaiowá quanto na da Aldeia Maracanã existem traços dessa guerra de que Latour fala. É a guerra dos defensores de um tipo de mundo onde a Terra é vista como um ser vivo, inteligente e comunicante contra uma outra perspectiva em que essa mesma terra é pensada somente como manancial de recursos a serviço do homem e do seu projeto civilizatório. Apesar de nem todos os índios saberem que sua luta por demarcação de terra tem a ver com a proteção do planeta em grande escala, alguns deles, como Davi Kopenawa Yanomami, tem isso muito claro, que a luta indígena já não é só sobre suas comunidades e terras, mas pela Terra de forma geral e ampla. São os amantes da Terra que perdem para os adoradores do desenvolvimento a qualquer custo. De um lado esses pobres, sujos, vagabundos, preguiçosos, demorados, subjetivistas, infantis, *hippies*, *losers*, fracassados, espiritualistas, bárbaros. De outro, os urbanos comprometidos com a modernidade, com o crescimento, desenvolvimento, enriquecimento,

7 Vale aqui pensar em outros exemplos de espaços indígenas em centros urbanos, caso do Santuário dos Pajés em Brasília. Disponível em: <<http://santuariodospajes.blogspot.com.br/>>.

8 Cf. Latour, B. *War and peace in an age of ecological conflicts*. Palestra proferida em 23 de setembro de 2013, em Vancouver, sob os auspícios do Wall Institute for Advanced Studies. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/node/527>>.

segurança, produtividade, objetividade, expansionismo. Esses lados opostos, apesar de não serem muito claros ou específicos, disputam modos de existência e formas de relação com a Terra e com a Vida. Um é a antítese do outro, e não precisamos ampliar essa imagem demasiadamente para vermos a desproporção entre os lados.

Xawara e a queda do céu

Agora vou para outro grupo indígena, os Yanomami. O pajé Yanomami Davi Kopenawa fala no livro *The Falling Sky* o que tem sido discutido entre os xamãs Yanomami quando se reúnem para conversar sobre o que vai acontecer com o mundo⁹. Ele fala da Xawara (doença ou epidemia). Aqui aparece a palavra epidemia de novo, e por isso eu disse acima que era uma palavra importante. A epidemia de suicídios Guarani é provocada também pela Xawara. Ela é uma espécie de coisa viva, de entidade, de força de destruição. A Xawara¹⁰ é a fumaça que sai do ouro quando esse é retirado da Terra. Ela é a fumaça que sai dos metais em geral. Para os Yanomami, o ouro e outros metais são o esqueleto da Terra. Se isso é retirado de dentro da Terra, ela perde sua sustentação estrutural e por isso pode vir a afundar.

Os Yanomami, apesar de terem uma condição mais privilegiada do que a dos Guarani Kaiowá, ou dos índios urbanos da Aldeia Maracanã, pois vivem em uma grande reserva entre Roraima, Amazonas e Venezuela, que é maior do que a Holanda, não conseguem conter a Xawara. Aquela região é rica em minérios, especialmente ouro. Ali é proibido o garimpo, mas não existe maneira de controlar toda a fronteira da reserva. Se o governo tira a estrutura da mineração de um local, logo em seguida ela se restabelece em outro canto, pois geralmente não entra na contabilização do Estado o futuro dos garimpeiros, sua cultura de busca do ouro – sina ou sorte –, o que é muito importante no modo de subjetivação dos trabalhadores do garimpo, a vida no risco e com possibilidade de ganhos. Se não é no ouro, onde a cultura que envolve o garimpo pode sobreviver? A questão é complexa, mas do ponto de

9 Kopenawa, D. e Albert, B. *The Falling Sky: words of a Yanomami Shaman*. Cambridge: Harvard University Press, 2013. Disponível em: <<http://www.survivalinternational.org/ultimas-noticias/9706>>.

10 Cf. Santos, L. G. dos. *Amazônia transcultural – xamanismo e tecnociência na ópera*. São Paulo: n-1 edições, 2013.

vista da saúde da floresta e dos povos da floresta, o garimpo é tão prejudicial quanto a monocultura e os negócios agropecuários. Seus estragos vão muito mais longe do que os locais onde são produzidos, sujam rios, matam peixes, derrubam floresta e produzem contágio de doenças através da fumaça invisível que continua se espalhando e atacando o peito dos índios, dos brancos, da floresta e do céu.

Davi diz que Xawara, a epidemia, se encontra na aldeia, e está levando seu povo ao fim. Hekurabe são os espíritos que sustentam o peito do céu, fazem a ligação entre céu e Terra e impedem o céu de desabar, mas até o peito do céu já está infectado pela Xawara. Quando um pajé morre, os Hekurabe ficam muito bravos, e tem morrido muitos pajés. São eles que sustentam o céu para brancos e índios. Quando a última árvore cair e não existir mais nenhum pajé, não vai haver Hekurabe para sustentar o céu, ele se partirá ao meio e coisas começarão a cair sobre a Terra, que, já não tendo mais sua antiga estrutura, também vai se partir, abrindo enormes buracos onde cairão brancos e índios. A humanidade vai acabar, como já aconteceu outras vezes.

Quero insistir nessa profecia, não como palavras de um xamã exótico que não sabe se expressar filosoficamente, mas como uma sabedoria que aponta para uma situação concreta.

Ver, para os Yanomami, significa sonhar, e Davi diz que os brancos só sonham consigo mesmos. Não conseguem sonhar com outra coisa, ou seja, não conseguem ver o que os outros elementos da natureza veem, só estão preocupados consigo mesmos¹¹. Viveiros chama isso de espécie narcisista, tão autocentrada que não consegue nem sonhar com outra coisa que não seja ela própria¹². Os brancos só conseguem sonhar consigo mesmos. Dormem mas não veem nada. Por isso acham que o que os índios falam é falso ou é mentira, pois não enxergam nada.

Existem dois pontos fundamentais nessa profecia: 1) A humanidade vai acabar, como já aconteceu outras vezes e 2) Os brancos só sabem sonhar consigo mesmos.

11 Sobre o xamanismo Yanomami cf. *Xapiri*. Filme experimental (Documentário). Direção: Leandro Lima, Gisela Motta, Laymert Garcia dos Santos, Stella Senra, Bruce Albert. Brasil, 2012.

12 Palestra proferida na III Conferência Curt Nimuendajú por Eduardo Viveiros de Castro. Disponível em: <<https://vimeo.com/81488754>>.

Perspectivismo e inversão ontológica

A noção de perspectivismo, para Viveiros de Castro, demonstra que o ameríndio tem um pensamento predatório, ele se sabe predador de alguns animais, e sabe-se caça de outros. Ele faz parte de um circuito, não é o dominador universal como a visão branca, colonizadora dominante sugere. Existe uma perspectiva de horizontalidade do índio em relação a outros elementos, a outras matérias. O ameríndio nômade tem um pensamento ecológico, não suporta a escravização dos elementos, fator determinante na construção de civilização, que pressupõe uma escravização dos elementos em formatos condicionantes (prédios, templos, cidades). Eles utilizam os elementos para suas necessidades e, em seguida, partem para que a natureza se reaproprie deles. A matéria serve por um tempo, depois, ela volta para a natureza. Por isso as constantes mudanças de lugares. Quando voltam, a natureza já tomou conta do local novamente. É uma metodologia ecológica, uma tecnologia de coexistência com a biodiversidade. Também não há relação de superioridade entre o índio e seus mortos, pois acredita que os mortos encarnam em outros elementos, não necessariamente humanos, ou seja, a mãe morta pode ter se transformado na pedra ou no peixe, isso quer dizer que os elementos têm história, subjetividade, vida pregressa, e precisam ser respeitados e valorizados. A consequência dessa não superioridade é que o índio se torna parte de uma rede feita de matérias, espíritos, elementos da natureza, e, por fim, da própria Terra.

Ainda segundo o autor, a diferença entre a perspectiva desenvolvimentista e a perspectiva ameríndia é que a primeira pensa que existe uma natureza e várias culturas, enquanto a segunda pensa em várias naturezas e uma cultura. A única cultura que existe para o perspectivismo ameríndio é a humana. Tudo que existe é humano: a pedra, a lua, o rio, a onça, os mortos, porém, as coisas usam roupagens diferentes, se comportam de forma diferente e possuem pontos de vista diferentes sobre a realidade. Um encontro xamânico, para os índios, pode significar a mesma coisa que o encontro na lama para as antas: elas estão concentradas, sonhando e aprendendo, como os índios quando estão em ritual, cada bando fazendo seus próprios rituais.

Logicamente, se aprofundarmos as diferenças de cada bando, encontraremos pesos diferentes para cada espécie e uma cosmogonia própria para cada uma delas. Entretanto, é relevante aqui entender que essa base humana compartilhada por todos os seres também os conecta e os mantém em

uma zona de comunicação constante. Essa compreensão é muito importante para o perspectivismo - por traz de uma natureza “pedra” jaz uma “cultura humana” que conecta a pedra com todo o resto que existe. Essa é a base conceitual que possibilita a comunicação interespecies.

O animismo indígena se sustenta em uma ideia de alianças e agrupamentos entre diferentes elementos ou espécies, um humano e um animal, um rio e uma árvore. Uma espécie de humano, por exemplo, pode ter mais a ver com uma natureza fria, rochosa e dura do que com um indígena. A natureza de uma coisa não está relacionada a essa coisa por semelhança ou forma, mas por seu modo de ser, estilo ou “natureza”. Pertencer a um ramo de animais ao invés de a outro fala algo da natureza própria de cada indivíduo ou bando, os distingue, os diferencia, mas, no fundo dessas diferenças aparentes, a cultura é a mesma: todos são humanos. A saber, pensam, sonham, veem, se expressam, e têm vida em comum, o que lhes permite associação e comunicação, posição contrária ao antropocentrismo, exatamente porque o humano não tem privilégios em relação ao resto do que existe, e não é porque são humanos que vão ser identificados somente com humanos, existe toda uma gama de possíveis associações. Tudo que existe possui uma cultura de fundo que é humana.

O xamã, nesse contexto, é uma espécie de diplomata que tem a habilidade de frequentar diversos desses pontos de vista, entrar em contato com todas essas roupagens, atravessá-las e frequentar a humanidade de outros seres existentes. Entre ele e esses variados seres pode haver um pacto, uma convivência, mas também repulsão, desinteresse e conflito. O xamã é capaz de sair do seu ponto de vista, ver-se de fora, ver os índios da sua tribo do ponto de vista da árvore, do ponto de vista dos pássaros, da lua, das estrelas, de uma matéria ou um objeto. Essa habilidade faz com que ele tenha um conhecimento mais profundo da existência das coisas do que a maioria dos índios, porque aprimorou essa técnica, treinou para isso, e é por isso que sua loucura, sua esquizofrenia, sua variação perceptiva é considerada uma sabedoria. Ele volta para contar das coisas que viu e ouviu a qualquer momento.

Continuando com a ideia de perspectivismo de Viveiros, conforme a potência do treinamento do xamã, ele pode estar em mais de um ponto de vista ao mesmo tempo. Pode vir a encarnar em outros seres. É uma habilidade que o xamã tem porque trabalhou muito para desenvolvê-la. São técnicas de êxtase, de sensibilidade, de comunicação interespecies que o fazem perceber

o que está por traz das coisas, das aparências, reatar sua base humana com a base humana de qualquer outro elemento. Mas os xamãs de cada bando têm o poder de fazer isso consigo próprio, por isso o xamã ameríndio também sofre encarnações, é possuído por elementos, animais, mortos. Na imagem abaixo, pode-se ver como os indígenas Desâna do Alto Rio Negro representam a encarnação do pajé: deitado, de costas, como se estivesse sendo levado no corpo dos animais.

Um dos objetivos da referência ao perspectivismo, nesse texto, é tentar criar condições para que o xamanismo seja percebido como metodologia, como tecnologia de produção de conhecimento. Isso interessa muito para o tecnoxamanismo. Perceber que para além de algum possível encontro entre tecnologia e xamanismo, a percepção de que o xamanismo é uma tecnologia em si mesmo. Não só de êxtase, mas de comunicação. Depois de percebermos com mais profundidade o xamanismo como tecnologia, pode ser que consigamos achar indícios para pensá-lo:

- 1) Xamanismo é uma tecnologia que permite ao xamã sair de si mesmo e frequentar pontos de vistas diferentes do seu.
- 2) Xamanismo é uma tecnologia ecológica, capaz de convivência com a biodiversidade.
- 3) Xamanismo é uma tecnologia de guiagem e controle da alucinação.

Jeremy Narby, antropólogo canadense que cresceu na Suíça e pesquisou muito os conhecimentos medicinais indígenas no Peru, explorou bastante a ideia do uso de enteógenos para construção do conhecimento nas sociedades tradicionais. Ele conta no seu livro *Cosmic Serpent* que, quando foi para o Peru estudar plantas com os Ashaninka, constantemente perguntava como eles sabiam tudo aquilo sobre plantas, eles respondiam sempre a mesma coisa: a planta é que ensina¹³. Foi preciso tomar muita ayahuasca para Narby perceber que os professores da floresta eram a própria floresta, que tinha uma inteligência viva em tudo que existia ali, que as coisas coexistiam, conviviam, que tinham subjetividade. A floresta e a vida tinham um *networking* próprio, negociavam, faziam gambiarras, se estruturavam e reestruturavam. O índio,

13 Narby, J. *The Cosmic Serpent: DNA and the Origins of Knowledge*. New York: Jeremy Tarcher/ Putnam, 1998.

em meio a tudo isso, é mais um participante da tremenda interação de seres vivos, que utiliza os efeitos das plantas de poder para conhecer seus processos.

Essa ideia de elementos e matérias inteligentes, possuidoras de subjetividade, sensíveis, está começando a ser de fato pensada pela filosofia especulativa contemporânea, e isso encontra correspondência direta com as pesquisas científicas em física, biologia, matemática, entre outras. Esta zona de conexão, segundo o perspectivismo ameríndio, é a humanidade comum a todos os elementos, é a base comum. Levando-se em conta que esse humano comum a tudo que existe não é necessariamente o humano do branco antropocêntrico, o paradigma é outro, interessa compreender que tudo que existe sente, pensa, olha para as coisas, tem sensação, experiência e outros atributos subjetivos inter-relacionados. Para algumas correntes do pensamento ameríndio, esse ser humano branco, construtor de cidades e devastador da Terra, é algo que eles já foram e não querem ser mais¹⁴, o que vai em direção oposta à ideia ocidental de que existe uma animalidade comum entre humanos e animais, e que os humanos aos poucos largaram a natureza para se humanizarem através de suas antropotécnicas.

As antropotécnicas são técnicas humanas utilizadas historicamente para produzir humanos. Ludueña Romandini aborda essas técnicas em seu livro *Comunidade dos Espectros*, analisando, sobretudo, a teologia e o direito, que ele considera duas fontes antropotécnicas poderosas de fabricação de humanidade¹⁵. Ludueña Romandini levanta a questão do biopoder, pontuando que ele não corresponde a uma evolução da sociedade de controle, mas que já estava lá desde os primeiros movimentos de produção de humanidade civilizada. A antropotecnologia sempre pressupõe uma zoopolítica, que é o controle e a domesticação da animalidade, que, no pensamento branco, seria o lugar de onde o humano teria surgido.

Se a gente insistir nesse conceito de Ludueña Romandini, podemos dizer que, na visão dos ameríndios, a separação entre eles e os brancos teria surgido exatamente aí, nesse momento. Quando os humanos começaram a inventar suas antropotécnicas de civilidade, os ameríndios se afastaram, pois essas significavam aquilo que a natureza não queria ser. Alguns grupos

14 Palestra proferida por Eduardo Viveiros de Castro na III Conferência Curt Nimuendajú.

15 Ludueña Romandini, F. *Comunidade dos Espectros - I Antropotecnica*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012-2013.

índigenas pensam que seus antepassados fugiram dessas esteiras de fabricação de humanos, se afastaram e as negaram, porque elas representavam o fim do mundo. E dizem ainda: “isso já aconteceu antes e acontecerá de novo”¹⁶.

Quando, então, vem à tona a profecia dos pajés Yanomami, proferida pela boca de Davi Kopenawa¹⁷, que diz que a humanidade vai acabar, como já aconteceu antes, e vai acontecer de novo, podemos nos perguntar, no intuito de produzir uma provocação: de quantos mundos estamos falando, e quem são os nossos ancestrais?

Esses índios dizem que os ancestrais deles são os homens dos quais eles se afastaram, junto com a natureza. Existe uma inimizade ontológica dos índios para com os brancos que a princípio não tem a ver com a evolução das espécies. É quase o contrário disso, já que – e isto é só uma hipótese – o que os brancos chamariam de evolução os índios chamariam de uma tendência de certos grupos a se sobrepor sobre todos os outros seres. Ou seja, não é evolução, é outra coisa, talvez uma perspectiva exploratória.

Perguntemos, contudo, apenas para o bem de seguir essa problematização: como os ameríndios relatam tão bem o fim do mundo? Por que dizem com tanta certeza que isso já aconteceu antes? Do que exatamente eles tiveram que se afastar e fugir? Dos colonizadores, ou foi de algo antes disso?

Para além da especulação, não temos muito a fazer, já que se trata de sociedades sem escrita em sua maioria. Os Yanomami ainda dizem que os brancos escrevem seu pensamento sobre as copas das árvores. Mas que eles, os índios, escrevem sonhando. Os brancos precisam escrever porque não sabem sonhar, só sonham consigo mesmos e com suas mercadorias. E se o fazem, é exatamente por não conseguirem ver o fundo humano em tudo o que existe. Por isso pensam somente em si mesmos. São narcisistas, egocêntricos, arrogantes e inconsequentes. Incapazes de ouvir outras vozes que não sejam as suas próprias¹⁸.

No perspectivismo ameríndio, as palavras ver e sonhar são facilmente trocadas. É no sonho que se aprende coisas, se conhece mistérios. Essa base comum humana possibilita a compreensão geral. Mas significa também que é preciso sonhar para ver. Sonhar dormindo, sonhar com os enteógenos

16 Kopenawa, D. e Albert, B. *The Falling Sky...*, op. cit.

17 Idem.

18 Idem.

e sonhar acordado. O sonho é uma tecnologia fundamental para os ameríndios, e deve ser pensada com uma técnica de emancipação, muito diferente das antropotécnicas civilizatórias. Trata-se de uma técnica de comunicação desantropocêntrica, sem o interesse de perceber o humano como centro. Essa é a inversão ontológica.

Do Xamanismo Transversal, sujo ou dos ruídos

Para pensarmos o tecnoxamanismo, é indispensável compreender sua associação com o lixo, com a sujeira, com o excedente, com o que sobra. Xamanismo sujo¹⁹, então, surge como um conceito complexo, que a princípio pode parecer ofensivo para os que pensam xamanismo como algo sagrado, mas que tentarei aqui apresentar de outra maneira.

No livro *Metafísicas Canibales*, Viveiros de Castro fala da relação entre profecia e xamanismo horizontal, bem como entre sacerdócio e xamanismo vertical²⁰. Ele tenta criar uma aproximação entre o xamanismo ameríndio e a religião judaico-cristã. Grosso modo, o xamanismo horizontal (profecia) é um estado de presença e pertencimento à natureza e ao mistério das coisas, acontecia antes da chegada dos colonizadores, quando os índios e, evidentemente, os xamãs teriam uma relação equilibrada com o conhecimento, pois este seria promovido e expresso ao mesmo tempo, de forma intuitiva, aberta, sem contenção e sem promoção de poder, como era o caso dos profetas que guiavam os povos mediante suas conversas com deus, anjos, intuições, vidências. O xamanismo vertical começa a acontecer com a chegada do homem branco, que reconfigura o poder do pajé, constrói a ideia de identidade pessoal, produz hierarquia entre sujeitos e sobrepõe os conceitos imperiais e monoteístas sobre as crenças indígenas, verticalizando o papel do humano sobre todas as coisas, e constituindo um lugar de vigilância, de lei moral sobre o conhecimento. Como é o caso do sacerdócio, que também teve esse papel nas religiões judaico-cristãs: o de estabelecer o controle sobre o povo, as leis, as hierarquias dentro da religião.

Segundo esse raciocínio, o xamanismo transversal seria uma mistura

19 Vídeo *Xamanismo transversal, sujo ou dos ruídos* de Fabiane Borges apresentado na Semana Experimental Urbana (SEU), em Porto Alegre, em 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Hj3TOIesxPw>>.

20 Viveiros de Castro, E. *Metafísica Canibales. Líneas de Antropología Postestructural*. Madrid: Kats, 2010.

disso tudo, entre profecia e sacerdócio, xamanismo e sacerdócio, politeísmo e liturgias católicas, políticas de humanização e rituais com ervas de poder, entre o politeísmo e os dez mandamentos, entre os padres e os cultos africanos, entre essas crenças que ficam pelo meio do caminho e as dissidências cristãs. A pajelança ameríndia, atravessada por tudo isso, criou um estado sincrético, no qual crenças ancestrais se compõem com as categorias teológicas.

Isto tudo se mistura aos modos de vida transversalizados e sincréticos dos próprios brancos, as festas pagãs, as orgias, os embriagamentos, os assassinatos, as armas de fogo, a construção de cidades, a produção de lixo, as doenças, a miséria, as traições do império, a devastação da Terra, o uso inconsequente do meio ambiente – a Terra como repositório de recursos para utilização irrestrita do homem.

Esse redemoinho de informações misturadas é a ruidocracia. O xamanismo sujo seria a capacidade de produzir êxtase e transcomunicação de dentro desse universo de ruídos, onde se percebe que tudo soa, que tudo vibra e emite som, que as coisas convergem e divergem por instantes, e que isso deve abrir a escuta ao invés de produzir surdez. A experiência da ruidocracia radical é um estado importante do tecnoxamanismo.

Estamira representa bem o tecnoxamanismo, já que ela é pajé do lixo, a esquizofrênica do excedente, a mulher que representa o estado pútrido, as explosões de gases, que convive literalmente com os “restos” da humanidade. É a partir do lixo civilizatório que essa “pajé suja” diz de todos esses tempos e acúmulos. Ela delira no lixo, com ele. Que outra forma seria mais eficaz para se conhecer uma população planetária? Seu xamanismo, além de transversal, é motivado pela força do excesso, do sem lugar, do que sobra. Não nego que atuasse com reciclagem, mas é toda aquela sujeira que a tornava especial, especialista do espectro da exclusão. Sem esse lixo todo em volta, ela provavelmente não teria ido tão longe nas conexões esquizo que produziu. Estamira se tornou uma personagem histórica nas mãos de Marcos Prado, cineasta que promoveu com profundidade a ligação de Estamira com toda aquela sobra²¹. Ela fala do cheiro do lixo, das suas implosões internas, da sua transformação constante, dos satélites conectados a antenas construídas por ajuntamentos insólitos na lixeira, fala do controle, do trocadilho do controle. Apesar de, em algum momento no documentário, o diretor criar um vínculo entre sua

21 *Estamira* [Documentário]. Direção: Marcos Prado. Brasil, 2004.

doença mental e suas profecias, que teria crescido devido a um trauma, apresentando uma explicação psicanalítica para seu problema mental, há leituras que passam a passos largos por essa sua tentativa. O que não dá para negar, no caso de Estamira, é sua ligação fluxuosa com a Terra do lixo.

Tecnoxamanismo

O tecnoxamanismo, além de surgir diretamente de um xamanismo transversal, é também sujo, ruidocrático, da lixeira, impuro, já que parte significativa de quem o está pensando vem do resto do saber científico, de laboratórios precarizados, de conhecimentos instáveis, pouco comprováveis, do hackeamento, do lixo eletrônico, da gambiarra, do gato, do reaproveitamento de matérias, da reprodução de projetos científicos exaustivamente testados. A isso se juntam questões particulares de movimentos sociais relativas ao feminismo, ao movimento *queer*, ao movimento negro, ao *software* livre, ao movimento sem terra, aos povos indígenas, às comunidades ribeirinhas, aos movimentos sem teto, desempregados, entre inúmeros outros que também vêm com seus próprios ruídos, suas próprias dissidências, seus próprios lixos. Acrescento a isso, ainda, interesses voltados à relação entre corpo e técnica, comunicação interespecie com matérias, elementos, plantas, assim como captação de ondas e magnetismos dos espaços mais recônditos, dos polos norte e sul, dos prédios destruídos pelas guerras, dos que sobreviveram, e que contam histórias passíveis de serem captadas por processos *do it yourself* (faça você mesmo). Sem falar em toda a questão ambiental, espacial, extraterrena, cultura espacial, ficções, relação com o cosmos, astronomia e astrologia, com uso de aparatos mecatrônicos e signagens.

O que eu quero dizer com isso é que:

- 1) O tecnoxamanismo provém de uma lixeira de excessos, sobras, restos, sujeiras, misturas, ruídos, processos descontínuos, xamanismos transversalizados, sincréticos, incorporações de ideias, de culturas, antropofagias sociais, culturais, gambiarras, ideologias políticas atravessadas, garimpos eletrônicos.
- 2) O tecnoxamanismo é reciclador de matérias e subjetividades, reciclador de ambientes, reconectador entre humanos e Terra, humanos e universo, um *re-ligare* sem representação nem univocidade, um modo de abertura perceptiva, de ampliação da escuta, de abertura para a espectrologia que nos circunda,

para o mistério, uma lição de humildade em relação à existência das coisas.

3) O tecnoxamanismo é sujo porque parte das lixeiras materiais e subjetivas dos humanos, mas isso não significa subestimar a força do xamanismo, muito pelo contrário, significa atribuir poderes ao lixo para além da reciclagem industrial que o organiza, separa, retém, e explora o catador. Mas atribuir poderes ao lixo exatamente porque é a partir dessas confluências miseráveis que nos é possível perceber que tipo de espécie somos e, daí, dessa condição explícita, podemos então ampliar alguns campos de convergência para nos transformarmos em algo mais interessante.

*Fabiane M. Borges é doutora em Psicologia pela PUC-SP, atua como psicóloga, artista, ensaísta, produtora cultural, e organiza eventos relacionados a arte, tecnologia e movimentos sociais. Publicou *Domínios do Demasiado* (Hucitec, 2010) e *Breviário de Pornografia Esquizotrans* (ExLibres, 2010). Com a rede de mídia, arte e tecnologia, organizou *Submidialogia* (Ideias Perigozas, 2010) e *Peixe Morto* (Imotirô, 2012). Tem uma coluna esporádica na revista *Outras Palavras* (<<http://outraspalavras.net/author/fabianeborges/>>).

Blog: <<http://catahistorias.wordpress.com>>. Contato: catadores@gmail.com

